



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ABORDAGENS SOBRE ÁFRICA NA OBRA DO GEÓGRAFO MILTON SANTOS

Msc. Diogo Marçal Cirqueira¹ – PPG-UFF

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho abordaremos as discussões do geógrafo Milton Santos acerca do continente africano. De antemão, ressaltamos que não nos limitaremos aqui a uma pesquisa bibliográfica. Tendo em vista que vida e obra se imbricam e se influenciam mutuamente (ERIBON, 1996, 2008), buscamos lançar luz também junto a trajetória socioespacial do intelectual mencionado (CIRQUEIRA, 2010).

Assim, as discussões que se seguem compreendem dois momentos na trajetória socioespacial de Milton Santos: o primeiro diz respeito a década de 1950 e início dos anos 1960, quando o intelectual realiza seu doutorado em Geografia na França e exerce um cargo institucional no governo Jango. Ele assim pode fazer viagens de estudo para países do continente africano, acerca dos quais podemos destacar a obra “Marianne em Preto e Branco” (1960) e o texto “L’afrique vue par un noir américain” [A África vista por um negro americano]. O segundo período compreende o ano de 1964 até os finais da década de 1970, momento em que Milton Santos encontrava-se exilado por conta do regime militar vigente no Brasil. Foi justamente nesse período e circunstâncias que o intelectual, atuando como pesquisador e professor em universidades de vários países (SANTOS, 2004b), tornou-se mundialmente reconhecido devido suas pesquisas sobre os países do “terceiro mundo”. Dentre as obras produzidas por ele destacamos o livro “Manual de Geografia Urbana” (SANTOS, 1989 [1981]).

4.2 – “IMAGENS DE ÁFRICA”

Quando estava em processo de doutoramento em Toulouse na França, Milton Santos realizou sua primeira viagem ao continente africano. Ele narra: “conheci a África a partir de 1958, quando acabei o doutorado. Tricart conseguiu que o governo francês me pagasse uma viagem por diversos países africanos, que estavam deixando de ser colônias francesas exatamente naquele momento” (SANTOS, 2004b, p. 98).

¹ Doutorando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF. E-mail: diogogeo@gmail.com.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Anos depois, Milton Santos declara que essa primeira travessia do Atlântico, além de lhe ter possibilitado conhecer países da Europa e da África, foi de extrema importância para construção de seu pensamento, já que, nesse momento ele teve contato com uma escala mais ampla do mundo e observou a diversidade socioespacial existente neste. Isto fica expresso nesse fragmento de entrevista, ao ser indagado sobre as suas influências pessoais diante dessa viagem:

a minha viagem para a França foi a descoberta de que, de modo geral, os jornais não retratavam o mundo. Essa foi a coisa mais importante (...) Eu chego à França e abro um jornal chamado *Le Monde* e me pergunto: “mas o mundo é aquele que eu escrevo ou este outro?”. Foi esse meu primeiro choque, a primeira grande mudança na minha visão de mundo e, por conseguinte, da visão política.

Depois, me recordo de ter visto, por exemplo, em Dakar, no Senegal, os sujeitos que ao meio-dia paravam tudo o que estivessem fazendo para se ajoelhar e virar para Meca. Tive que me perguntar: “mas eles gostam de Deus? Como é que fazem isso? Isso não é da Igreja católica”. Aí eu comecei, intelectualmente, a fazer a crítica do preconceito. Acho que as viagens me ajudaram a reduzir a carga de preconceito com que somos formados. (SANTOS, 2004b, p. 99-100)

Também é a partir dessa viagem que Milton Santos escreveu a obra “Marianne Preto e Branco”, publicada em 1960. Esta obra é a reunião de vários artigos, dos quais alguns foram publicados no jornal “A Tarde”. Neste livro há vários apontamentos teóricos que foram desenvolvidos com maior profundidade posteriormente pelo intelectual. Como exemplos, encontramos discussões sobre como a técnica influencia na constituição do espaço e acerca das “rugosidades” contidas nas paisagens.

Contudo, é importante destacar que o intelectual não busca estabelecer discussões estritamente científicas nessa obra. Como ele enfatiza, tenta fundir sem grandes pretensões o relato jornalístico com as análises geográficas, a propósito disso, ele alerta a seus possíveis leitores que seus escritos podem se mostrar rasos para geógrafos e profundo demais para jornalistas².

Muitos dos artigos foram referenciados em trabalhos de campo realizados na Europa e na África. Neles são abordados temas relativos à ciência geográfica – como gênero de vida, demografia, o urbano, o rural, a paisagem etc. –, nos quais, como jornalista, Milton Santos se coloca como sujeito posicionado, ou melhor, constrói textos

² Na introdução o intelectual pontua exatamente isso: “Minha condição de jornalista e geógrafo não sei se foi um bem ou mal. Se, de um lado, aliou a curiosidade das coisas ao desejo de as interpretar, é bem possível que venha permitir ao homem comum, que me conhece como jornalista, acreditar que estou sendo empolado ou prolixo; e aos que sabem nos meios geográficos admitir que fui um temerário, abordando com leveza assuntos sérios. Não me incomodo de correr ambos os riscos, se a uns e outros este livro puder trazer uma informação sobre as regiões que visitei, na Europa e na África.” (SANTOS, 1960, p. 05)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

em primeira pessoa que deixam transparecer suas impressões e experiências pessoais – o que parecia ser típico das escritas jornalísticas da época³.

Em meio às várias elucubrações realizadas nessa obra, o intelectual, apesar de buscar referências universalistas da ciência europeia, discute os aspectos que compunham as diferenças entre a Europa – nomeadamente França e Portugal – e alguns países africanos – a maioria colônias francesas que estavam em processo de emancipação. Inclusive, o próprio título da obra trazia essa questão:

Dedico-o [o livro], também à França eterna e à jovem África, cuja independência, por paradoxal que pareça, ajudou a formar. Daí o título escolhido: Marianne em preto e branco. Marianne é o símbolo da França imortal, cuja força é a do espírito, esse espírito que os nacionalismos africanos souberam absorver, a despeito de suas velhas tradições enraizadas; uma demonstração de que as forças espirituais não têm fronteiras, desconhecem ridículos preconceitos que separam os homens em ricos e pobres, pretos e brancos e amarelos, cristãos e muçulmanos, dominadores e dominados, democratas e socialistas e toda a gama de clãs em que humanidade inutilmente se divide. (SANTOS, 1960, p. 06)

De alguma forma, podemos notar certo deslumbramento nos textos de Milton Santos acerca da Europa, tendo atitudes muito próximas do “complexo de dependência do colonizado”, do qual discorre Fanon (2008). A Europa é posta pelo intelectual como uma referência no processo de desenvolvimento social e humano ao qual os outros continentes e países do mundo, não somente a África, deveriam seguir e atingir. Somente muito tempo depois Milton Santos observa isso com maior criticidade, o que veremos mais à frente.

Cabe apresentarmos aqui a forma como o livro está organizado: primeiramente, é tratada a “Universidade”, na qual é narrado pelo intelectual a organização e a estruturação da Universidade de Strasburgo, e especificamente do Instituto de Geografia dessa Universidade; posteriormente, em “Imagens da Europa”, são abordados vários aspectos geográficos – gênero de vida, geomorfologia, o urbano, o rural, migrações etc. - e o cotidiano de algumas localidades da França; no tópico “Adeus a Europa” são relatadas as experiências pessoais de Milton Santos como estudante em Strasburgo e sua visita à cidade de Lisboa em Portugal; e, por fim,

³ Milton Santos, em várias passagens do livro, ao tempo que realiza análises geográficas às qualifica subjetivamente, como nesse trecho do texto denominado “Retalhos da França”: “hoje a primavera me despertou com a surpresa de um sol inesperado. Não é mesmo a primavera! As árvores ainda estão nuas, não há verde, nem flores. É somente um anúncio. Agradeço à natureza a tolerância: um inverno relativamente suave, com temperaturas não inferiores a 10 graus abaixo de zero, uma primavera que teima em chegar antes da hora. É preciso festejar de alguma forma.” (SANTOS, 1960, p. 59). Isto também pode ser visto no texto “Paris”, em que o intelectual narra o encontro que realizou com essa cidade, a qual desde muito tempo já conhecia a partir de leituras e de falas de outros.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

em “Imagens de África”, são abordados aspectos geográficos e econômicos de alguns países africanos que estiveram em processo de descolonização.

Assim, e seguindo os objetivos que nos propomos, trazemos para o foco da discussão a última parte do livro “Marianne preto e branco”, o qual aborda a “África negra” ou o “mundo negro” – termos utilizados por Milton Santos para caracterizar os países que visitou na África Subsaariana.

Tendo em vista a concepção de linguagem mencionada acima, os artigos referentes aos países africanos, especificamente Senegal, Guiné, Costa do Marfim e Mali, são caracterizados por uma análise geográfica em que o intelectual se auto-evidencia na escrita. Num primeiro momento Milton Santos trata dos aspectos econômicos relativos à implantação da agricultura moderna e seu choque com a agricultura tradicional nesses países. Muito influenciado por suas pesquisas na Zona do Cacau da Bahia (SANTOS, 1957), ele dá grande importância à produção desta fruta em alguns países africanos e sua possível concorrência com o cacau produzido no Brasil.

Milton Santos ao examinar esses temas, chama a atenção justamente para o “choque” entre as civilizações européia e africana. Como ele mesmo demonstra, as novas formas de produção econômica, marcadas pela tecnologia desenvolvida, e a inserção de um modo de vida urbano-moderno influenciaram nas formas “tradicionais” de produção agrícola e nas relações sociais e espaciais dos grupos “autóctones”. A partir de visita a Dakar, no Senegal, o intelectual pôde apresentar essa questão de forma explícita:

o que aqui se presencia é um brusco contacto entre dois mundos, um brutal entrechoque de civilizações. De um lado, a civilização européia representada pelo comércio, as grandes companhias comerciais e os bancos, patrocinando ou animando, uns e outros, a substituição da velha economia agrícola por uma nova economia baseada sobretudo na agricultura comercial, especificamente do amendoim. De outro lado, a civilização indígena, local, africana mesmo, cuja estabilidade de há séculos – precário equilíbrio – se viu sacudida por êsse impacto violento (SANTOS, 1960, p. 97-98)

Na esteira disso, como salienta o intelectual, ocorreu o surgimento de cidades e a “explosão urbana” nos países africanos. Os trabalhadores rurais ou foram atraídos pelo “modo de vida moderno” que exprimia as cidades conformadas pela civilização européia ou foram expulsos do campo por influência do modo de produção tecnificado. Ao destacar o desequilíbrio que os novos modos de produção proporcionaram a sociedade e instituições da “África Ocidental Francesa”, ele diz,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

uma das conseqüências é a destribalização, a enorme atração da cidade tentacular, representada na paisagem por um número considerável de *bidonvilles*, onde se aloja toda uma parentela que se vem encostar a um tio ou primo que encontrou colocação. Essa impressão de vivo contraste entre dois padrões de vida se atenua pelas numerosas construções a preço cômodo que aparecem na Medina e em outros bairros negros, e que Dialo, o chauffeur que o governador colocou à minha disposição, pacientemente me mostra, com uma certa ponta de orgulho. (SANTOS, 1960, p. 98-99).

Continuando, ele pontua que é nas cidades onde melhor se pode apreender o choque entre as civilizações, visto que,

muitos dos velhos padrões se quebram, mas há, também, os que continuam intactos. Daí esse espetáculo quase indescritível que é esta grande metrópole colonial [Dakar] em que se acotovelam brancos, negros e mestiços, católicos e muçulmanos, em que automóveis do último modelo passam pelas avenidas asfaltadas, palácios e arranha-céus se levantam de uma noite para o dia mas cuja riqueza humana provém da multiplicidade de aspectos; a esposa do coronel que se traja pelo último modelo da Rua da Paz, levando em conta, porém, os rigores do clima; a bela negra que veio do Sudão e ostenta uma profusão de panos coloridos e cobre a cabeça com um turbante que mais parece uma coroa de rainha. (SANTOS, 1960, p. 98)

A viagem realizada por Milton Santos ao continente africano, naquela época, num momento em que poucos brasileiros podiam realizar tal façanha, não somente o fez pensar acerca de suas próprias origens e identidade⁴ (como foi abordado no capítulo anterior), mas também nas representações distorcidas acerca de África que povoam o imaginário de brasileiros (RATTS, CIRQUEIRA, RODRIGUES et al, 2006-2007). Nos chama bastante a atenção o espanto do intelectual diante de uma África que não condizia com suas representações e, sobretudo, a reconstrução de sua própria “geografia imaginativa” (SAID, 2006) acerca desse continente.

Na cidade de Dakar, primeira cidade em que Milton Santos aportou em África, ele teve a seguinte reação:

Dakar, julho – Devo confessar a minha surpresa diante de Dakar. Esta cidade africana de população quase igual à metade da de Salvador, ultrapassa toda a minha expectativa e põe abaixo as impressões preconcebidas, oriundas de leituras, fotografias e filmes (...) É muito difícil apresentar Dakar tentando uma comparação com outras cidades européias, americanas ou brasileiras. É a primeira cidade africana que visito, o que me impede de esboçar uma comparação com outros centros urbanos deste mundo negro (SANTOS, 1960, p. 97).

⁴ É narrado por Milton Santos, por exemplo, sua identificação como um africano descendente: “O nome desse país, em cujo coração estava outrora o reinado de Ghana, diz muita coisa a um brasileiro não muito seguro de sua árvore genealógica, de resto completamente inútil, mas desconfiado de que talvez aqui estariam suas origens. Um moço que vi na rua vestido até os pés com um belo boubou branco, bem parecido, me diz que estou bem em casa, conquanto a paisagem e tantas outras coisas sejam diferentes.” (SANTOS, 1960, p. 107)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Do mesmo modo, diante dos estereótipos que cristalizam o continente africano em uma “imagem única”⁵, é apresentado por Milton Santos a diversidade social e física existente no continente africano. Em um texto que versa sobre a produção do cacau na Costa do Marfim, ele, com muito cuidado para não dar ressonância a essa ideia de “imagem única”, faz uma ressalva diante de suas colocações: “as observações que se seguem são superficiais e mesmo assim passíveis de equívocos, num país em que as grandes extensões fisiograficamente homogêneas não impedem que a multiplicidade de etnias o tenha enriquecido com uma variedade de aspectos humanos” (SANTOS, 1960, p.87)

Apesar de suas discussões se centrarem na relação entre “o tradicional e o moderno” ou colonizados e colonizadores, o intelectual faz questão de identificar os grupos étnicos africanos e caracterizá-los. São citados os grupos Bambara, Peulh e Qualof, acerca dos quais, Milton Santos trata de seus gêneros de vida e hábitos culturais, como por exemplo: suas técnicas de agricultura, de arquitetura, as migrações rituais e influenciadas pelo meio físico, das vestimentas típicas etc..

No trecho a seguir, em que é descrito a indumentária de uma mulher da etnia Qualof, tal noção fica patente:

encontramos na estrada, envoltos em vários metros de panos multicolores, ostentando penteados tão extravagantes como o das damas da melhor sociedade de Paris ou do Rio de Janeiro, palmas das mãos pintadas de negro ou azul, pejudas de adereços, turbantes de meio metro de altura, sapatos pontudos em tonalidades berrantes, tudo isso formando um quadro pitoresco, dezenas de mulheres qualofs, a quem o sentido da evolução do país não escapa, ainda que guardado velhos hábitos. (SANTOS, 1960, p. 95)

Apesar da tentativa de elaborar uma leitura não estereotipada a respeito do continente africano, algo raro em pessoas formados pelas universidades ocidentais (APPIAH,1997), não podemos deixar de tecer críticas as leituras de Milton Santos, pois, mesmo que tenha lançado um olhar sobre os países africanos destituído de preconceitos, ele não tratou nessa obra das relações políticas e geopolíticas que envolviam os países africanos em processo de descolonização e a França. Ele, contudo, pode fazer esse tipo de discussão com maior acuidade a partir de sua segunda viagem a países do continente africano, no ano de 1962.

⁵ A África, em estudos e em discursos presentes no cotidiano, é vista ainda a partir de um “olhar de fora”, próximo ao do colonizador do século XV, o que gera, muitas das vezes uma abordagem equivocada e preconceituosa, baseada nas visões de mundo construídas pelo imperialismo europeu (HERNANDEZ, 2005). O repertório de imagens estereotipadas e unas apresentam sempre uma África selvagem, em que a população negra vive de forma rústica, quando não miserável. Além disso, as culturas e formas de socialização presentes nesse continente são expressas de forma simplista; um conjunto caótico, mas ao mesmo tempo monolítico e homogêneo (RATTS, CIRQUEIRA, RODRIGUES et al, 2006-2007).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

4.2.1 – A COLONIZAÇÃO VISTA POR UM NEGRO AMERICANO

O momento em que Milton Santos realiza sua viagem para os países africanos, no ano de 1958, é o ápice das disputas políticas entre as colônias africanas e a os países europeus pela independência. Como enfatiza Hernandez (2005), uma das implicações históricas da Segunda Grande Guerra (1939-1945) foi o declínio da centralidade europeia no sistema de poder mundial. Esgotadas economicamente e militarmente pelo fato de terem participado diretamente dos conflitos, as grandes potências europeias experimentaram uma limitação de sua capacidade de preservar coercitivamente grandes impérios coloniais. Ademais, dois novos fatores concorriam para a erosão das bases da legitimação do colonialismo europeu no mundo: primeiro, o crescimento do prestígio das concepções e dos movimentos democráticos e progressistas, por definição anticolonialistas, que se seguiu à derrocada das forças do eixo nazi-fascista; e, segundo, a ascensão dos Estados Unidos e da União Soviética, as quais interferiram diretamente no processo de descolonização em alguns países africanos.

A França, a segunda maior potência colonial na África, empregou métodos de dominação colonial direta e a prática ostensiva da assimilação cultural. O resultado foi um enfrentamento, na maioria dos casos, bastante violento entre as administrações coloniais e os movimentos de libertação nacional, dos quais é exemplar a guerra de independência da Argélia (FANON, 1965).

Diante disso, a França, enfraquecida por conta da incidência dos conflitos da Segunda Guerra Mundial em seu território e as ações dos movimentos anticolonialistas nos países africanos, foi obrigada a reorganizar suas relações políticas e geopolíticas com suas colônias africanas - o que envolvia grande parte dos países da região centro-nordeste da África⁶. Os conflitos e acordos políticos entre estes países africanos e a França perduraram por toda a década e 1940 e 1950, findando, de alguma forma com a “vitória” do país europeu, que conseguiu colocar no poder de suas antigas colônias, elites locais subordinadas (N’KRUMAH, 1967).

⁶ Um exemplo disso é que a França, seguindo os passos do Reino Unido, procurou reintegrar suas antigas colônias africanas à sua área de influência econômica - e, por conseguinte, militar e diplomática, investindo na criação de uma zona comercial e financeira estruturada em torno de sua moeda (o franco) e no desenvolvimento da chamada “Comunidade Francófona”, o que de certa forma deu certo (HERNANDEZ, 2005).



Assim, Milton Santos, talvez por estar em uma viagem financiada pelo governo francês ou por não ser objetivo de seu relato, não tratou ou abordou superficialmente essa problemática, isto é, das relações colonialistas entre os países africanos e a França.

Apesar disso, em uma segunda viagem ao continente africano, o intelectual pode falar com maior “liberdade” e profundidade sobre o problema da colonização nos países africanos e, novamente, de seu encontro pessoal com o “mundo negro”.

Essa viagem ocorreu em 1962, e, nas palavras de Milton Santos (2004b, p. 99), “como eu perdi o lugar no governo Jânio⁷, para não ficar muito chateado na faculdade, os amigos conseguiram com Jango que eu fosse posto à disposição do Ministério e ele me deu uma viagem para a África. Eu fui conversar com diversos presidentes a mando de Jango.”.

Talvez, devido à política marcadamente de esquerda e nacionalista do presidente da época, João Goulart (Jango), dentre os países que o intelectual visitou em viagem oficial estavam Gana e Tunísia, exemplos emblemáticos na história do processo de independência no continente africano. Gana foi o primeiro país da África sub-saariana a se tornar independente, o que ocorreu em 1957. O país teve um processo de independência marcado por conflitos ao “bater de frente” com as políticas colonialistas e pós-colonialistas da Inglaterra. Encabeçado pelo intelectual e pan-africanista Kwame Nkrumah (1967), o lema dessa nação no período dá o tom desse processo de independência: “a África para os africanos!”. Já a Tunísia, conseguiu sua independência em 1956. Este país já vinha de um contexto mais amplo de movimentos nacionalistas realizados em países árabes do norte-africano. Alguns desses países, em especial Marrocos e Argélia, ainda na década de 1940, devido pressões junto aos países colonizadores, já haviam definido o árabe como língua única e oficial de suas nações e reformado suas Constituições⁸.

Acreditamos que Milton Santos, diante de toda essa movimentação política que ocorria nesses países, foi compelido a refletir e tratar de forma mais enfática das relações colonialistas e da desigualdade existentes entre África, Europa e outros continentes, como as Américas.

Devemos ressaltar que Milton Santos nesse período dispensou bastante atenção ao continente africano – principalmente nas relações desse com o Brasil. Exemplo disso são os vários manuscritos dele existentes no acervo preservado por

⁷ O intelectual se refere ao posto de embaixador para o qual foi nomeado. Ele não pode assumir o cargo, pois estava em viagem para a França. Checar no Capítulo 3.

⁸ Sobre o processo de independências dos países africanos ver Hernandez (2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sua família em Salvador-BA. Além de várias fotografias, anotações, croquis e mapas relativos a países africanos elaborados pelo intelectual, há a estruturação de um livro denominado “África e Brasil” datado de 1962. Esta obra provavelmente nunca foi escrita, tendo em vista que pouco tempo depois o intelectual foi exilado, contudo, cremos que um resumo desse livro não-efetivado se expressou no artigo “L’afrique vue par un noir américain” [A África vista por um negro americano], publicado no Jornal “Jeune Afrique”, da Tunísia em 1962. Este jornal notadamente refletia o caráter político das recém independentes nações africanas e, especificamente a edição em que foi publicado o artigo de Milton Santos, tratava exatamente do processo de independência dos países africanos. O subtítulo desse jornal é “L’indépendance corrompte” [A independência corrompida].

No artigo mencionado, de início, Milton Santos posiciona-se diante da situação que vivenciou junto aos países africanos. Ele diz, “o importante de uma viagem como esta que acabo de fazer para alguns países da África Ocidental é de trazer o relato de um homem negro do Novo Mundo diante do nascimento e da formação de países onde se confrontam culturas e valores diferentes”⁹ (SANTOS, 1962, p. 11). Nessa direção, como o fez em “Marianne Preto e Branco”, ele trata mais uma vez do “choque entre civilizações”, contudo, expõe os problemas gerados pela colonização nos territórios africanos. Assim, é enfatizado os dois tipos de África, a “África branca” e a “África negra”, e as implicações dessas nos aspectos culturais, econômicos e políticos das novas nações:

O choque de culturas tem, todavia o marco de uma significação cultural, econômica e política. A associação, as justaposição, simbiose e a assimilação no âmbito cultural vão juntos no âmbito cultural e o da reorganização dos territórios vai junto com muitas contradições. Os atrasos destes países são devido a essas contradições e o avanço técnico e econômico dos países que lá foram se instalar. Já se falou que a economia do tráfico foi a causa da reviravolta que as sociedades e as economias da África Negra sofreram desde o final do último século: as profundas transformações que se manifestaram naqueles países desde duas ou três gerações explicam muitas coisas¹⁰. (SANTOS, 1962, p. 11)

⁹ “L’intérêt d’un voyage comme celui que jê viens d’effectuer dans certains Etats d’Afrique Occidentale est d’apporter Le témoignage d’un homme noir du Nouveau Monde devant la naissance et la formation de pays ou s’afférentes.”

¹⁰ “Ce choc de cultures revêt tout à la fois une signification culturelle, économique et politique. L’association, la juxtaposition, la symbiose ou l’assimilation dans le domaine culturel s’accompagnent sur le plan économique et celui de la reorganization des territoires, de nombreuses contradictions. C’est à ces contradictions que sont dus les retards de ces pays et l’avance technique ou économique dès pays qui sont venus s’y installer. On a dit déjà que l’économie de “traite” a été à l’origine du bouleversement dont les sociétés et les économies de l’Afrique Noire ont souffert depuis la fin du siècle dernier: les transformations profondes que se sont manifestées dans ces pays depuis deux ou trois générations expliquent beaucoup de choses.”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esse “choque”, segundo Milton Santos, gerou um exacerbado nacionalismo nos países africanos – o que possui relação direta com o andamento da economia dos países – e, conseqüentemente, uma unidade incondicional em torno do governo para “o bem do país”. Continua ele, “é chamativo ver como a reação do colonialismo, que deu como resultado a ideia de nação e de nacionalismo, gerou a formação de países de território às vezes pequeno que se enxertaram sobre as fronteiras que resultam da partilha colonial”¹¹ (SANTOS, 1962, p. 11).

A partir de uma perspectiva geográfica, Milton Santos ressalta o quanto foi danoso a herança deixada pelos colonizadores aos povos africanos. O intelectual alega que as fronteiras definidas pelos colonizadores deveriam ser repensadas, talvez, até mesmo, se formular novos estados-nação que facilitassem a cooperação e o desenvolvimento no continente, visto que, “estes países que desejam profundamente sua liberação econômica, a atrasam pela conservação destes limites, contrários às exigências históricas, geográficas e econômicas, agravam estas divisões pela manutenção das fronteiras e a multiplicidade das aduaneiras”¹² (SANTOS, 1962, p. 11).

Indo além, Milton Santos aborda as relações entre a África e a América do Sul, em especial o Brasil; as formas e conseqüências da colonização nesses territórios e uma possível cooperação política e econômica entre eles. De acordo com o intelectual, existem pontos comuns entre os problemas econômicos africanos e latinoamericanos que se fixam basicamente na busca da melhoria do nível de vida de suas populações e da independência econômica. Porém, as realidades do período não podiam disfarçar as diferentes evoluções históricas que foram responsáveis pelos aspectos particulares de cada realidade; em cada tipo de colonização estão contidas bases e nuances históricas diferenciadas. De tal modo,

no Brasil assim como em todos os Estados da América Latina onde a colonização política e econômica começou no século 16, a independência política ocorrida no início do século 19 não antecedeu o desenvolvimento econômico exceto em pequenas partes do país. Sendo que, nos países da África Negra a colonização começou depois da Revolução Industrial, na América Latina começou antes. A independência da América Latina ocorreu antes da introdução nestes países de novos meios técnicos. A

¹¹ “Il est saissinnant de voir comment la réaction du colonialisme, qui a donné comme résultat l’idée de nation et le nationalisme, a entraîné la formation de pays à territoire parfois exigu qui se sont greffés sur des frontières résultant du découpage colonial”

¹² “Ces pays qui désirent ardemment leur libération économique, la retardant par le maintien de ces limites, contraires aux exigences historiques, géographiques et économiques, aggravent ces divisions par Le maintien des frontières et la multiplicité des douanes.”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

conquista econômica, apenas esboçada em algumas regiões antes da partida dos colonizadores, continuou depois¹³ (SANTOS, 1962, p. 11).

Ao destacar os fatores territoriais dos processos econômicos de colonização e independência da América Latina e da África, Milton Santos enfatiza que na “África Negra” a organização dos territórios pelos estrangeiros antecedeu a conquista econômica. Nesse sentido, a independência herdou territórios tecnificados, entretanto, os resultados foram os mesmos: liberdade política, dependência econômica. A América Latina independente desde muito tempo, com grande população, extensão territorial e riquezas ficou sem meios de resolver seus problemas econômicos. Isso ocorreu porque os países latino-americanos se inseriram na economia de mercado global sem as devidas estruturas técnicas em seus territórios, o que lhes fizeram reféns das nações européias e estadunidense.

As duas novas grandes potências (Estados Unidos e União Soviética), em ascensão na política internacional desse período, encontravam-se descomprometidas com a preservação dos domínios coloniais europeus na África e na Ásia. Devido a isso, vários países africanos, em seus processos internos de independência, receberam algum tipo de apoio dessas nações.

Milton Santos (1962) se atentou a essa geopolítica que envolvia as novas nações independentes da África. De acordo com ele, a colonização nesse continente havia sido feita por países cuja influência no contexto mundial não era mais a mesma, por motivo do enfraquecimento dos países europeus na política internacional. Assim, apesar disso ter levado a África para um campo de intrigas internacionais, também fez com que ela se tornasse o local de encontro obrigatório para as novas potências que buscavam conquistar seu apoio, ou, ao menos, sua neutralidade. Esse é o fundamento político da ajuda que vários países africanos obtiveram dos Estados Unidos e da União Soviética, o que, segundo o intelectual, firmou-se como uma vantagem.

Diante disso, ao enfatizar a influência da “oposição Leste-Oeste” na geopolítica da África e da América Latina, especialmente no Brasil, aponta,

O Brasil, pelo contrário, não se beneficiou destas transformações porque no momento em que a oposição Leste – Oeste se manifestou, ele já

¹³ “Au Brésil, comme dans tous les Etats d’Amérique Latine, ou la colonization politique et économique a commence des le 16e siècle, l’indépendance politique survenue au début de 19e siècle, n’a pás precede Le développement économique, sauludans dès parties réduites du pays. Alorse que, dans les pays d’Afrique Noire la colonisation a commencé après la renovation industrielle, em Amérique Latine, elle commencé avant L’indépendance de L’Amerique Latine est survenue avant l’inrodution dans ces pays dès nouveaux myens tecaniques. La conquête économique piene ébauchée dans quelques régions avan Le départ dès colonisateurs, s’est poursuivie après.”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estava envolvido numa aliança mais ou menos teórica, mais ou menos sentimental: o que é chamado pan-americanismo.

Este desenvolvimento histórico tem outras conseqüências: a África goza de uma margem de manobra bem maior nos jogos internacionais. Ela pode jogar no neutralismo ou não-alinhamento sem gerar protestos indignados nos planos da moral política internacional ou da solidariedade continental. Ao contrário, a América Latina, se ela fizer sequer o sinal de abandonar sua política tradicional com relação aos Estados Unidos correrá o risco de cair do outro lado com todas as conseqüências consideráveis que aquilo acarreta. O exemplo de Cuba é bem chamativo. Até a posição de não-alinhamento, sem falar de neutralismo, é difícil. Fraqueza devida sem dúvida à história dos fatores originais da colonização, mas que é repleto também de conseqüências nos planos internos, pois, o desenvolvimento do país depende, em grande medida da colaboração dos capitais estrangeiros.¹⁴ (SANTOS, 1962, p. 12)

Pode ser que as interpretações do intelectual sobre o continente africano tenham sido precipitadas, ao imaginar que as infra-estruturas deixadas no território pelos colonizadores permitiriam um desenvolvimento dos países recém independentes e que o contexto de bipolarização mundial era vantajoso à geopolítica das novas nações africanas. Como a história nos mostra, esses fatores levaram na verdade à acentuação da exploração e à pauperização do continente. Contudo, anos depois, período em que estava exilado na França, Milton Santos (1989 [1981]; 1996 [1971]) pôde observar e teorizar sobre os países africanos e demonstrar como estas “infra-estruturas territoriais” e a política bipolarizada internacional nada serviram para o desenvolvimento das nações africanas, elas atuaram sim, para a ampliação do capital das grandes corporações européias, estadunidenses e da União Soviética.

Nos fins dos anos 1960 e início dos 1970 que o intelectual se debruça sobre a realidade dos “países subdesenvolvidos” ou do “terceiro mundo”, referente os quais tratou, sobretudo, dos processos de urbanização. Um dos temas relacionados ao urbano tratados por Milton Santos foi a segregação, acerca da qual, ao observar a realidade de alguns países da África, percebeu que esta possuía uma dimensão étnica e racial.

¹⁴ “Le Brésil, au contraire, n’a pas bénéficié de ces transformations parce qu’au moment où l’opposition Est-Ouest s’est manifestée, il était déjà impliqué dans une alliance plus ou moins théorique, plus ou moins sentimentale: ce qu’on appelle Le panaméricanisme.

Ce développement historique a d’autres conséquences encore: l’Afrique jouit d’une Marge de manœuvre beaucoup plus grande dans les jeux internationaux; elle peut jouer sur Le neutralisme ou Le non-alignement sans soulever de protestations indignées sur les plans de la morale politique internationale ou de la solidarité continentale. Au contraire, l’Amérique Latine, si elle fait même Le signe d’abandonner sa politique traditionnelle vis-à-vis des Etats-Unis se trouve sous la menace de tomber de l’autre côté avec toutes les conséquences considérables que cela comporte. L’exemple de Cuba est bien saisissant. Même la position de nonalignement, sans parler du neutralisme, est difficile. Faiblesse due sans doute à l’histoire, aux facteurs originaux de la colonization, mais qui est aussi riche de conséquences sur les plans internes, car Le développement du pays dépend dans une large mesure de la collaboration des capitaux étrangers.”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

4.2.2 – A SEGREGAÇÃO ÉTNICA E RACIAL NAS CIDADES AFRICANAS

Como expresseo na obra “Marianne em preto e branco”, as primeiras impressões de Milton Santos acerca da Europa, especificamente da França, são bastante elogiosas e um tanto ludibriadas. Marcado por uma educação que se referenciava e, ao mesmo tempo, exaltava o “mundo europeu”, o intelectual, ao realizar o “sonho” de conhecer esse continente, enaltece suas instituições universitárias, as relações políticas, a imprensa, economia etc. Porém, em seu exílio na França após 1964, ele não somente pode rever vários de seus posicionamentos sobre a Europa, como também estabelecer críticas.

Na condição de exilado, “refugiado na filosofia”, as críticas incidiram-se justamente na universidade, acerca, principalmente, das proposições teóricas dos pesquisadores dos “países desenvolvidos” sobre os “países do terceiro mundo”. Concernente a isso, pondera Milton Santos (2007[1989], p. 49-50) em entrevista,

a minha presença na França foi muito importante na vontade de elaborar uma outra teoria da urbanização do Terceiro Mundo (...) Na realidade eu tinha uma leitura de segunda mão [sobre a urbanização no Terceiro Mundo], através de Pierre George, mas sobretudo de Tricart e também um pouco de Rochefort, René Dugrand, Bernard Kayser, com quem sempre mantive relações muito boas, porque Tricart me sugeriu ir visitar todos esses jovens geógrafos que escreviam teses em 1956-1958. Dando aula na França, cheguei à conclusão que aquilo que eu ensinava, lido na Escola Francesa, não me satisfazia. Comecei, então, a querer fazer outra coisa e é daí então que vem essa vontade de teorização sobre urbanização, que vai desembocar nos livros que eu publiquei ainda na França e depois nos EUA e na Inglaterra e que são, digamos assim, uma outra forma de ver o Terceiro Mundo, a partir de uma cabeça do Terceiro Mundo.

O exílio permite ao intelectual a experiência empírica em dois mundos. É justamente isso, como aponta Said (2003, p. 59), que proporciona a originalidade da visão de mundo de um exilado, pois, “essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar uma palavra da música – é *contrapontística*”. E é a partir dessa visão “contrapontística” que Milton Santos realiza suas críticas aos estudos de europeus sobre “terceiro mundo”.

Milton Santos, de acordo com Claval, se tornou amplamente conhecido nos meios geográficos franceses por conta de suas pesquisas e elaborações teóricas sobre o “terceiro mundo”. Por conta da publicação do livro “Villes du Tiers Monde”, ressalta Claval (1996, p. 102),



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Milton não teve nenhuma dificuldade em convencer-me do interesse da publicação de uma obra de síntese sobre os problemas urbanos dos países de desenvolvimento. Dispunha de uma experiência direta de grande parte da América Ibérica e de um conhecimento muito extenso de tudo que fora publicado sobre a África. Estava a par da maior parte dos trabalhos em curso na Ásia Meridional e do Sudeste e no Oriente Médio.

É justamente a partir da produção do intelectual entre o final da década de 1960 e início de 1970 – referentes às pesquisas sobre as “cidades do terceiro mundo” e de seus cursos ministrados na Sorbonne em Paris – que foi editado em 1981 no Brasil o livro “Manual de geografia urbana”¹⁵.

Nesta obra Milton Santos aborda o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos – o que inclui países dos continentes americanos, africano, asiático e do Oriente Médio – e aponta como a dinâmica do capital influenciou na constituição dessas cidades, o que, devido a uma série de fatores, elencados pelo intelectual, as diferenciava das cidades dos países desenvolvidos.

Novamente um dos temas tratados por Milton Santos é a colonização. Desta vez aborda especificamente como este processo influenciou na conformação urbana dos países subdesenvolvidos. Na quinta e última parte do mencionado livro, intitulada “O espaço interno”, o intelectual inicia suas discussões exatamente com citações da obra “Lês damnés de la Terre” [*Os condenados da terra*], de autoria de Frantz Fanon, as quais seguem abaixo:

em sua obra *Lês damnés de la Terre* (p. 07 e 08), Frantz Fanon define o mundo colonial como “um mundo fragmentado, um mundo partido em dois”. Precisando mais seu pensamento, descreve a cidade, ou melhor, as cidades coloniais: a cidade do colonizador “sólida, construída em pedra e ferro (...), iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo estão sempre cheias de restos desconhecidos jamais vistos, nem sequer imaginados (...), com as ruas limpas, lisas, sem buracos, sem pedras, cidade saciada, preguiçosa (...)”. E a cidade do colonizado, “ou, pelo menos, a cidade indígena, o povoado negro, a *medina*, a reserva, lugar mal afamado, povoado de seres mal alimentados. Não importa onde nem como se nasce. É um mundo sem intervalos, onde os habitantes se amontoam assim como as casas. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de calçado, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade dobrada, uma cidade ajoelhada, uma cidade encolhida. É uma cidade de negros”. E conclui o autor: “não existe um só colonizado que não sonhe, ao menos uma vez ao dia, instalar-se no lugar do colonizador” (FANON, 1961, p. 07-08 *apud* SANTOS, 1989[1981], p. 171).

A partir dessas citações Milton Santos busca discutir o “espaço intraurbano” das cidades dos países subdesenvolvidos, de maneira especial, as desigualdades e diferenciações presentes nas paisagens e no tecido urbano dessas cidades. A variável

¹⁵ Esta obra, mais exatamente, é a republicação revisada do “*Cours de Géographie et Économie Urbaine des Pays Sous-Developpés*”, editado na França pelo “*Centre de Documentation Universitaire*” no ano de 1967.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

étnico-racial aparece nitidamente neste ponto de suas análises, em que ele busca averiguar esse tipo de cidade dividida em duas.

Uma das primeiras questões postas pelo intelectual acerca dessa discussão é; mesmo que as cidades nos países subdesenvolvidos tenham se constituído de maneira diferenciada existem semelhanças entre as mesmas? Nas palavras do intelectual,

por diversas que sejam a gênese e a função das cidades nos países subdesenvolvidos, seu tecido urbano oferece hoje em dia surpreendente semelhanças, como se a evolução contemporânea conduzisse a uma unificação da realidade dos países do Terceiro Mundo, a partir de um passado extremamente diverso. (SANTOS, 1989[1981], p. 200)

Ainda que seja dada certa importância às questões socioeconômicas nas similitudes das cidades presentes nos países pobres, o intelectual, também, aponta a colonização como um dos fatos influenciadores disso. Como ele ressalta, a colonização, como um processo histórico que ocorreu nas Américas, na África, no Oriente Médio e na Ásia, influenciou na estruturação das cidades desses continentes, mesmo que com temporalidades e dinâmicas distintas.

Nesse sentido, na medida em que as cidades dos países subdesenvolvidos foram constituídas em um contexto de desigualdade histórico e socioeconômico, as disparidades se fizeram presentes na distribuição dos equipamentos urbanos, na forma das habitações, nos locais de *habitat*, na distribuição populacional, etc.. E é pensando nisso que Milton Santos, acompanhando a concepção de Frantz Fanon, enfatiza a existência de “diversas cidades dentro da cidade”.

Ainda segundo o intelectual, para se analisar a “paisagem urbana” deve-se observar os “elementos estáveis” e “elementos mutáveis”, sendo estes: o “patrimônio imobiliário” e sua constituição histórica, as “estruturas jurídicas da propriedade do solo urbano”, a “realidade social” – que pode ser analisada segundo o nível de renda, as atividades profissionais e as distinções étnicas -, e os “intercâmbios econômicos e sociais” presentes no urbano.

Limitando-nos aos aspectos étnico-raciais presentes nessa proposição metodológica, Milton Santos destaca o “elemento étnico” como um fator importante para se observar nas cidades dos países subdesenvolvidos e colonizados. Utilizando o exemplo das cidades africanas para elaborar ponderações sobre as características demográficas e étnicas presentes na conformação do “tecido urbano”, o intelectual nota que a estrutura da população se diferencia bastante étnica e racialmente segundo os bairros. Continua ele:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Na época da colonização, e ainda hoje, na África do Sul, ou mesmo em certos países da África onde raças distintas coexistem, os “cooperantes” são numerosos, a segregação racial, de fato ou de direito, domina a paisagem humana da cidade.

Por outro lado, fenômeno menos visível, os imigrantes agrupam-se frequentemente por etnias, cada uma das quais ocupando um espaço determinado (SANTOS, 1989[1981], 176)

São destacados por Milton Santos as duas formas de agrupamento “étnico” presente nas cidades – principalmente as africanas –, ou seja, o “agrupamento segregatório”, constituído ou não pelo Estado, e o agrupamento pautado pela identidade étnica – segundo ele, na maioria dos casos, formado por migrantes do campo. Todavia, estes agrupamentos ou segregações estão lado a lado com a segregação socioeconômica nas cidades, além do mais, no que concerne ao caso africano,

a segregação econômica, deriva, dentre outras razões, como é natural, dos preços dos aluguéis e dos terrenos. Somente as camadas um pouco mais bem aquinhoadas da cidade podem alugar um apartamento ou supor as prestações de uma casa, automaticamente criando zonas de bairros favorecidos e zonas de bairros pobres. Sendo as classes nativas as mais pobres e as mais desfavorecidas, a segregação econômica converte-se frequentemente em segregação étnica. Por não serem comparáveis as diferenças entre os níveis de vida dos, por exemplo, brancos e pretos, a responsabilidade deste estado de coisas recai sobre o Estado, uma vez que este não ignora, desde o início, a existência de diferenças pecuniárias entre os diversos estratos sociais da cidade. Assim, deparamo-nos, em definitivo, frente a frente com duas cidades: a cidade rica e a cidade pobre, ou a cidade branca e a cidade de cor, separadas uma da outra pelas classes médias. O planejamento habitacional, nas condições atuais, reforça as tendências segregacionistas. (SANTOS, 1989[1981], p. 191-192)

Como visto na citação, o Estado é colocado como um agente de grande importância na estruturação da “segregação étnica” nas cidades africanas. Ressalta o intelectual que nas cidades onde vigora o “apartheid”, “seguindo a famosa cláusula política: ‘iguais, mas separados’, a palavra de ordem é agora: ‘habitação, mas separada’”(SANTOS, 1989 [1981], p. 189).

Por fim, mais uma vez Milton Santos toma como exemplo a “segregação étnica” presente em cidades da África, para destacar que “as cidades legalmente racistas da África do Sul representam o mesmo fenômeno levado ao extremo e não constituem, desse modo, uma aberração estranha aos modelos que prevalecem no resto do mundo”, e, ajuíza acerca das consequências disso: “na maioria dos casos, como na África, a segregação racial se transformou em segregação social depois da descolonização. Por essa razão, o ‘tecido urbano’ é o lugar de confrontações em potencial.” (SANTOS, 1989 [1981], p. 202).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Milton Santos, ademais, destaca que estes locais são alvos de discursos demagógicos, elaborados pelos meios de comunicação e o Estado, que tentam adormecer as reivindicações populares. Entretanto, quem sabe para fazer apontamentos acerca da “força do lugar” na metrópole¹⁶, ele pontua ironicamente: “o feitiço, como é de regra, pode se voltar contra o feiticeiro, em vez de favorecê-lo” (SANTOS, 1989 [1981], p. 202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas acima podemos perceber que análises em torno do continente africano tiveram espaço na obra de Milton Santos; indo além, nota-se que estas tiveram um papel importante na própria construção da obra teórica do intelectual. Apesar disso, devemos ressaltar que o que apresentamos são apenas apontamentos, referentes os quais, cabem aprofundamentos, tendo em vista a fase inicial em que se encontra a pesquisa.

BIBLIOGRAFIA:

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai**. São Paulo: Contraponto, 1997.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria**: a questão étnico-racial na obra e na trajetória socioespacial de Milton Santos. Dissertação de mestrado. Goiânia: IESA/UFG, 2010.

CLAVAL, Paul. *As cidades do terceiro mundo* de Milton Santos. In: SOUZA, Maria Adélia A. de. **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: hucitec, 1996. p. 102-105.

ERIBON, Didier. As heterotopias de Michel Foucault. In: _____. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

_____. **Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Mascaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Por la revolución africana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

HERNANDEZ, Leila Leite. *África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

¹⁶ Milton Santos (2001[2000], 2004a) desenvolveu esse pensamento posteriormente baseado na ideia de que a vivência coletiva da escassez proporcionaria a conscientização e a ação para a transformação social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

N'KRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo**: o último estágio do imperialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SAID, Edward W.. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Reflexões sobre o exílio. In:_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4ªed. São Paulo: EDUSP, 2004a.

_____. **Território e Sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004b.

_____. **Testamento intelectual**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004c.

_____. O intelectual negro no Brasil. **Ethnos** Nº 1 (1), 2002 [1989], p. 7-10.

_____. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1989 [1981].

_____. As exclusões da globalização: pobres e negros. In: FERREIRA, A. M. T. **Na própria pele**. Porto Alegre: CORAG/Secretaria de Estado da Cultura, 2000. p. 9-20.

_____. Cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Ed.). **O preconceito**. São Paulo: IMESP, 1996/1997, p. 133-144.

_____. "Nossos irmãos africanos". *Jornal A Tarde*, 12/03/1962. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo. In: **Afro-Ásia**, 25-26 (2001), p. 369-405.

_____. L`afrique vue par um noir américain. **Juene afrique**. N. 79 – 7-13, abril, 1962. p. 11-12. (tradução livre)

_____. **Marianne em preto e branco**. Salvador: Progresso, 1960.